



**A essência está para mim em como finalmente a mujer mesma supere os resíduos com os quais foi cargada pela sociedade e como se comportará liberada deles. Só assim então os papéis se rompem, desaparecem, dando lugar a uma postura ativa. Eu havia escolhido a postura ativa em um mundo de passividade. Havia escolhido ativamente tomar parte em uma organização revolucionária. Não segui a ninguém, nem fui levada por algo. Decidi. Fui presente nos debates, quando se ia tomando decisões, durante as ações e agora, no momento de pagar por elas. Asumi a responsabilidade dos meus atos**

# **CARCERES E MULHERES**



**CARTA DE OLGA LKNONOMIDOU**

**[MEMBRA DA “ CONSPIRAÇÃO CELULAS DE FOGO ”, GRECIA, 2011]**



# **carceres e mulheres: carta de olga ikonomidou, membro de O.R. C.C.F**

**A seguinte carta foi a contribuição de  
Olga Ikonomidou às jornadas "Mulheres  
frente ao encerro" realizadas de 10 a 11  
de junho na casa ocupada Patisson  
61&Skaramaga em Atenas.**

**Recordamos que a companheira Olga foi  
detida no 14 de março de 2011 em Volos  
junto a outros 4 companheir\*s e logo  
assumiu o pertencimento à Conspiração  
das Células de Fogo.**

**Editado por  
Heretica  
edições feministas e  
lésbicas independentes**



**contato: [apoiamutua@riseup.net](mailto:apoiamutua@riseup.net)**

“ Em 19 de março em um jeep de EKAM (Unidade Especial Repressiva Antiterrorista) acompanhado por três carros patrulhas se para frente a uma enorme porta giratória de ferro. Um guarda pede os papéis. Tudo em ordem e... a porta está se abrindo. Enquanto que se vai fechando por trás de nós, um outro, cercado mundo aparece ante meus olhos. É a cárcere Eleonas de Thiva.

Saio de jipe acompanhada por duas mulheres da Seção Antiterrorista que durante os quatro últimos dias cumpriam, com grande mérito, papel de minhas governantas. Precisaram de um par de minutos de espera para entregar-me aos novos tutores de minha vida. Durante esses poucos minutos escutei delas comentários no estilo “Que lindo está por aqui... bem mantido o edifício”. Pensei em me despedir-me delas dizendo “Se você gosta tanto, venha ficar aqui...”. Naturalmente, para um visitante, somente a idéia de que se pudesse ficar em qualquer cárcere o assusta, somente tal idéia faz às pessoas, e até aos infra-humanos, calarem a sua boca e simplesmente irem-se. A cárcere de mulheres de Thiva é uma recém construída monstruosidade progressista com retangulares e bifurcados corredores, câmeras de vigilância que cobrem a cada esquina e não deixam nenhum lugar “cego”, carcereiros mulheres e homens, portas automáticas com grades a cada 10 metros, pátios de cimento vazios e mais pequenos que o rancho de basquete, rodeados por muros que terminam com arame farpado. Atrás destes muros há um espaço de segurança que chega até o exterior e te separa da liberdade. Desde umas casinhas elevadas por cima dos guardas estão vigilando quase 24 horas ao dia para se talvez alguma encontre um buraco por onde escapar.

Um jardim zoológico pequeno e cercado se encontra entre a

Olga Ikonomidou,  
Membra da O.R. Conspiração de Células do Fogo  
Cárcere Eleonas, Thiva (Tebe)

---

Nota de tradução: Se refere aos seguidos pogroms fascistas (realizados com ajuda de vizinhos do bairro e polícias) contra os imigrantes, ataques que duraram várias semanas e resultaram em pelo menos um\* imigrante mort\* e dezenas ferid\*s por facadas e golpes, ocorridos depois da morte de um\* greg\* mort\* por imigrantes (motivo foi roubo) naquela rua do centro de Atenas em maio de 2011.

\*\*\*

Texto obtido por meio do “taller de Lectura y Debate de textos anarquistas contemporâneos” (Oficina de Leitura e Debate de Textos Anarquistas Contemporâneos) realizados em La Plata, Buenos Aires, Argentina, na Biblioteca Anarquista Guliay-Polie.

sendo carcereiros e seu uniforme esteja sempre na nossa mira. Para elas também a solidariedade com presos nunca perde seu sentido. Não no sentido de defender o papel de preso, senão sendo contra sua própria condição de encerro. A condição esta que nos priva do mais precioso bem, a liberdade física, e com a qual contudo estão conectadas penosas limitações de cada tipo. A interrupção das relações sexuais até a vexatória dependência dos mecanismos carcerários para a comunicação. Dentro deste marco há um gozo particular nestes pequenos agrados arrancados da máquina repressiva.

A solidariedade tem que ficar viva quando se trata das mobilizações de presos e intacta, objetiva e em alerta nos casos que têm haver com presos políticos. Segundo minha opinião, as concentrações solidárias não devem limitarem-se apenas a umas datas cerimoniosas como por exemplo o Fim de Ano, senão que têm que manter seus aspectos reflexivos de resposta imediata para deste modo converter-se em alavanca de pressão cada vez que os caprichos penitenciários põem os presos à prova. A solidariedade tem que ser ferramenta que fará destacar aos casos de anarquistas aprisionados mas não enforcando-se em cada um por separado, não à base de relações pessoais, não à base de critérios como culpa ou inocência. Ademais, neste mundo ninguém é inocente, todas somos culpáveis. Um@s por sermos conscientes e haver tomado ação contra o que nos oprimia e otr@s por sua tolerância com relação às instituições opressivas.

Mando minhas saudações revolucionárias a todas e todos que sob a pressão dos tempos que vivemos com insistência decidem

”  
tomar a ação.

porta exterior a entrada principal da prisão. Não há acesso nem tampouco contato visual com esse jardim para as presas. Somente os vêem os visitantes, as presas que trabalham na limpeza e quando te levam ao despacho dos oficiais de guarda. Imaginavam que a paisagem parecesse mais natural se os animais encarcerados estivessem justo ao lado das pessoas encarceradas. A democracia além disso cuida em ‘adornar’ a seus monstrinhos.

Depois de passar 3 semanas na chamada ala de adaptação estou já de maneira fixa na ala 3, em uma célula em que cabem 14 pessoas. Não diria que a convivência forçosa com 12 mulheres é a coisa mais simples. Tendo zero de espaço pessoal e cada uma com um antojo ou rareza diferente, qualquer pessoa facilmente pode sobre-passar seus limites. A parte das 2 horas e meia por dia na qual eu posso sair ao pátio, as demais se limitam a uma sala 20 por 30 metros. Se trata do espaço permitido para mover-se. Nesta sala estou tomando o café, comendo, lendo, escrevendo, escutando música, pensando. Neste espaço estou passando minha vida os últimos dois meses e meio, e por um tempo ainda indefinido. As paredes estão pintadas até o teto com imagens de campinas, árvores, mares e peixes. Assim tentaram dar à carcere um aspecto mais humano. Fazer as presas acreditarem que a privação de uma paisagem natural se pode substituir com pinturas. Durante os primeiros dias me parecia uma piada de mal gosto, agora somente terminou sendo algo irritante.

O pessoal se move de uma maneira semelhantemente contraditória. Típicas carcereiras que tentam fingir que o trabalho que fazem pode ser livrado de culpa por sua natureza. Acreditam que até a cortesia é capaz de compensar à recontagem de manhã e de tarde, a insensibilidade e a indiferença que mostram quando

as presas têm suas crises e com muita frequência raspam as mãos, em uns acessos próprios de toxicômanas. São as mesmas que generosamente repartem os medicamentos para assim evitar alvoroços, enquanto que ao mesmo tempo quando se trata de qualquer outra doença “a privada cura tudo”. Elas são as mesmas que, dependentes das ordens que recebem, não duvidarão em te levar para a célula de isolamento, te desnudar para o chequeio porque sim, elas são as mesmas que durante seu ‘tempo livre’ se assomarão descaradamente em cima das minhas cartas. São elas que, quando chega as 9 da tarde fecharão as portas atrás delas e com a mesma comodidade te dirão: ‘Boas noites’. A hipocrisia em toda sua grandeza. Aqui as bençãos não cabem. Nenhuma boa noite nem um bom dia existe na cárcel. Apenas há dias e noites.

A lógica de dominação está promulgando a divisão das pessoas segundo umas características aparentemente fragmentárias. Deste modo se criam umas aparentes comunidades com o resultado sendo o fortalecimento da desigualdade e do antagonismo. A ética da sociedade responde a esta chamada, não somente reproduzindo essa lógica, mas na maioria dos casos convertindo-se em su maior defensora. A classe social, a nacionalidade, o gênero são alguns dos exemplos que diariamente moldam as percepções e condutas. A cárcere é uma parte fundamental do sistema e a comunidade de pres@s constitui microcosmos de uma sociedade comprimida. Por conseguinte, os sintomas do mundo enfermo em que vivemos chegam também para dentro dos muros. A cárcere por um lado, de certa maneira, coletiviza aos presos obrigando-os a reconhecerem-se em uma identidade coletiva marcada pela condenação. Ao mesmo tempo, a divisão aparece em toda sua grandeza repartindo a homens e mulheres em diferentes penais. Uma vez mas repartirão também, tanto a

intercâmbio ou venda de roupa, maquiagem.

Um tempo atrás a comunidade carcerária era constituída pelos fora-da-lei desesperados. Desde as pessoas a quem já não lhes restava nenhuma esperança de ver mudar a realidade na qual viviam, excluídas do consumo, marginalizadas pela sociedade. A designação forçosa, sem saída nenhuma, ao mais baixo escalão social, provoca raiva, que é pré-condição necessária para que nascesse qualquer tentativa de libertação. Igualmente, a raiva por si mesma não é nem política nem apolítica. Depende das maneiras em que uma quer ou pode expressá-la. Esta raiva parece que é o que falta hoje aqui dentro. Reina algo contrário, uma resignação. Enquanto que a maioria das mulheres aqui são estrangeiras e não sabem sequer sobre o que passou na rua Terceiro de Setembro nem sobre os acontecimentos que ocorreram então, está se criando um grande abismo entre uma simples sobrevivência e a sã conduta insurrecta. Desde um ponto de vista tão subjetivo como consciência sobre a situação real fora e sobre verdadeiros interesses, estas mulheres estão ainda muito confundidas. A cárcere não está composta por desesperad@s (o são somente os toxicômanos, que por um lado por sua dependência e de outro pela obstinada repressão por trás do restringido acesso aos medicamentos, têm as possibilidades limitadas). Nas cárceres de mulheres o crime econômico tanto como o tráfico de grandes quantidades de droga marcam a nossa época. Em nenhum caso já ficou alguém excluída do consumo, algo que canalize a raiva e, combinadamente com as identidades sociais, faz que as mulheres ao final sigam sendo as vítimas de suas próprias ilusões. Naturalmente, esta percepção não é universal. Há e sempre haverá aqui dentro algumas que guardam sua dignidade e cabeça erguida. Na mente das quais os “empregados”, como os querem agora que os chamem, siguem

supõe também questionar ao existente. De forma correspondente seria que a mulher que está questionando às leis, portanto questiona também, ainda que seja de maneira inconsciente, seu papel social.

Contudo, ao viver a realidade da cárcere de mulheres, e a cárcere Eleonas de Thiva de maneira concreta, se pode comprovar que o comportamento moderno e pequeno burguês de acordo com papéis sociais assumidos havia também trasladado para dentro dos muros. O ato ilegal que foi cometido não era nada mais que um momento. É característico que a maioria das mulheres não fale sobre o 'crime' que haviam cometido, senão que dizem que um homem a empurrou a fazê-lo. Ou seja, a este ato ilegal pelo qual está na cárcere não o sente sequer como parte dela mesma, e por isso reproduz a lógica vitimista. O papel de mãe foi deixado de lado para delinquir, mas, ao viver a condição de encerro, rapidamente é recuperada a identidade de mãe-protetora. Sente que talvez assim pode se salvar de sua maldição posto que ficou obrigada a viver longe de s@@s filh@s. Muitas vezes seu papel a guiará no que se refere ao trato que recebe na cárcere, se converte em seu medo e em sua permissividade. O sistema penitenciário que saca tudo à ameaças pisará sobre essa debilidade reclamando todo tipo de coisas em troca, a prioridade sendo subordinação às regras carcerárias e os informes sobre outras presas. Ao mesmo tempo vai ocupar-se de humilhá-la de muitas maneiras, obrigando-a a suportar, ademais dos chequeios corporais, também o chequeio de s@@s filh@s, muitas vezes pequenos, caso queira vê-los na sala de visitas aberta. Diante desta condição tão ofensiva, ela mesma e sua incapacidade de superar às identidades sociais canalizam sua energia em tratar de sobreviver na cárcere fazendo a cotidianidade dentro dela parecida à que tinha fora. Freqüentes visitas ao cabeleireiro,

mulheres como a homens, em alas de proteção, alas de toxicóman@s, de cigan@s, de menores, de mães com crianças, de indisciplinad@s, de células brancas. Cada categoria necessita ser gerenciada e afrontada de modo diferente, correspondendo ao interesse que tenha o sistema. Os vermes submissos (dedo-duros) e os ex-servos do sistema (policiais corruptos queimados pelo sistema mesmo) serão protegidos, as mães com filh@s se converterão em ferramenta para um aparente humanismo, os toxicómanos receberão o desprezo e a indiferença. Dignas mulheres presas que vivem baixo alguma de essas condições, como as das toxicómanas, seguramente poderão explicá-lo de maneira mais detalhada e descritiva às suas experiências.

Como anarquista revolucionária considero que a separação com base no gênero social é uma questão que tem suas extensões sociais tanto dentro como fora dos muros. É uma questão que na maioria das vezes fica subestimada, e em algumas outras vezes fica sobre-estimada de uma maneira distorcida. Considero que existe uma percepção muito enraizada durante os séculos entre as pessoas sobre quais características e comportamentos correspondem (e são apropriadas) somente para as mulheres e quais são apenas para os homens. Com base no gênero se haviam criado papéis e identidades sociais que cada um e uma adquire desde o momento em que nasce e então terão que carregá-las durante toda sua vida. Se trata de uma separação mais profunda que a sociedade havia aceitado.

A realidade social define a mulher como gênero débil e os reflexos disso na prática são de fato infinitos e ocorrem a cada dia. A reprodução de uma tal condição automaticamente define um sujeito como inferior, a apresenta como vítima e a afrontando como uma espécie protegida. No entanto, em cada relação há quem produz/emite algo e há quem o aceita/admite. O gênero

feminino em sua maioria aceita sua identidade social e assim é levado à lógica de vitimização, seja para recusar às responsabilidades ou seja para sossegar-se justificando a sua própria inércia posto que assim as “exigências” se minimizam de maneira automática. O ponto de vista vitimizado de qualquer questão conduz ao derrotismo e à incapacidade de valorar as capacidades e habilidades d@ indivíduo@. A força da individualidade própria e suas responsabilidades tanto ao nível pessoal como coletivo é o que promulga aos momentos, condições e ações libertadoras.

Falando de mim, nunca havia considerado que pertenço ao “gênero débil” e nunca quis ser um ser passivo. Me libertei das síndromes de culpa com os quais a sociedade nos carga e tracei meu caminho de acordo com meus próprios valores de “eu quero”. Em meu caminho muitas vezes havia encontrado os olhares que foram ainda enjauladas dentro dos estereótipos do gênero social. Segundo minha opinião, até no seio do âmbito anti-autoritário frequentemente as emboscadas do preconceito são montadas por parte de homens e da conformidade, que chega até o ponto de aproveitar-se deste, com seu papel por parte das mulheres. A meus próprios olhos não se pode chamar de pessoa rebelde alguém que não luta por abolir aos papéis sociais. Em primeiro lugar para si mesmo, ao nível interior, e logo em sua relação com os outros, no nível exterior. É um processo de busca interior, mas também de rechaço fundamental à este mundo.

Porque nesta vida nada que vale a pena mencionar fica dado gratuitamente, você mesma tem que reivindicá-lo. A essência está para mim em como finalmente a mulher mesma supere aos resíduos com os quais foi cargada pela sociedade e como se comportará libertada destes. Só então os papéis se rompem,

desaparecem, dando lugar a uma postura ativa. Eu havia escolhido a postura ativa em um mundo de passividade. Havia escolhido de ativamente tomar parte em uma organização revolucionária. Não segui a ninguém, nem fui levada por algo. Decidi. Fui presentemente nos debates, quando se ia tomando decisões, durante as ações e agora, na hora de pagar por. Assumi a resonsabilidade de meus atos apesar de que pudesse me aproveitar de minha identidade como mulher e assim receber um trato mais favorável. Mas, como isso poderia ser digno? Na história, a mulher que está se implicando em projetos revolucionários na verdade logra romper dois papéis de uma só vez. Por um lado, de maneira consciente derroga a sua identidade de pessoa legal, questionando às leis e a ordem e então, em segundo lugar, derroga a sua identidade como mulher, superando ao conceito dos papéis de gênero social (mãe, esposa, companheira), os quais a sociedade mesma prestou a ela.

As autoridades alemãs na década dos 70, quando a organização revolucionária RAF era ativa e contava com bastante mulheres, havia emitido a ordem: “primeiro disparem as mulheres”. O fato de superar essencialmente a estes papéis fez às mulheres mais decididas, mais conscientes, mas também mais perigosas em comparação com os homens que, devido ao seu gênero, se supõe que são um elemento compatível com a delinquência (isso segundo a aproximação científica do Estado), seguiram um caminho mais natural.

No entanto, cada época tem suas próprias características e suas próprias condições.

O âmbito anti-autoritário frequentemente está buscando um sujeito revolucionário no seio dos ilegais, estimando que o fato de questionar as leis logo de cometer um ou mais atos ilegais